

## MEMÓRIA E COEXISTÊNCIA NA PERSPECTIVA DA FORMAÇÃO DOCENTE

Tiago Rodrigues da Silva <sup>1</sup>

Lilian Carmen Lima dos Santos <sup>2</sup>

### RESUMO

O presente artigo trata sobre o processo de construção da identidade profissional e pessoal de professores, na formação inicial, por meio das narrativas. O objetivo deste trabalho é explorar outros dois processos que condicionam essa construção - o de lembrar e o de existir - e entender como essas narrativas influenciam no desenvolvimento dos futuros profissionais professores. As narrativas foram trabalhadas a partir dos estudos de Nóvoa (1992), os conceitos de memória e coexistência foram abordados a partir do ponto de vista de Andrade (2002). A perspectiva no movimento existencialista do século XIX foi fundamentada com Sloterdijk (1998). A intercomunicação e interconstituição com a formação e práticas docente se deu a partir dos estudos de Freire (1996). A perspectiva metodológica adotada foi de uma abordagem qualitativa e descritiva. Os dados foram coletados a partir das narrativas produzidas por licenciandos, na disciplina Prática como Componente Curricular 1 – parte 1, no curso de Licenciatura em Ciências Biológicas-UFAL, as quais foram compartilhadas em sala. Os resultados apontam para a fundamental importância das histórias de vida no desenvolvimento e construção da identidade docente por meio da relação indissociável de coexistência do Eu com o Outro, na qual ambos, simultaneamente, se formam e informam quem são.

**Palavras-chave:** Narrativas docentes; Formação inicial docente; Histórias de Vida.

### INTRODUÇÃO

---

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal de Alagoas - UFAL, [tiago.silva@icbs.ufal.br](mailto:tiago.silva@icbs.ufal.br);

<sup>2</sup> Professora orientadora: Doutora em Educação Brasileira pela Universidade Federal de Alagoas – UFAL, [lilian.santos@icbs.ufal.br](mailto:lilian.santos@icbs.ufal.br);

O presente artigo trata sobre o processo de construção da identidade profissional e pessoal de professores, na formação inicial, por meio das narrativas. O contexto da pesquisa se deu a partir de narrativas produzidas por licenciandos, na disciplina Prática como Componente Curricular 1 – parte 1, no curso de Licenciatura em Ciências Biológicas na Universidade Federal de Alagoas, a qual insere-se durante o curso de formação docente, nos momentos direcionados à reflexão sobre a prática de ensino, que articulam os conhecimentos discutidos a partir da linguagem técnico-científica inerente ao âmbito de referência em que foi produzido e das discussões pedagógicas acerca dos processos educativos. A partir dessa articulação se busca um redirecionamento desses conceitos e discussões desenvolvidos ao longo do curso, projetando o olhar para o fazer docente, que considerem as especificidades educativas a partir do componente curricular que o docente em formação estará apto a conduzir na educação básica e as questões no âmbito da educação de um modo geral, indispensáveis à formação do professor.

Sendo dois fatores que antecedem a construção de uma narrativa de uma história de vida, a memória e a coexistência poderiam, também, condicionar a formação docente? Buscando explorar essa incógnita, o objetivo deste trabalho é explorar outros dois processos que condicionam essa construção - o de lembrar e o de existir - e entender como essas narrativas influenciam no desenvolvimento dos futuros profissionais professores. A partir de uma relação analógica com o poema “Memória” de Carlos Drummond de Andrade e com aspectos da filosofia existencialista do século XIX assim como uma fundamentação baseada nos pensamentos e obras dos educadores António Nóvoa e Paulo Freire, os resultados apontam para a fundamental importância das histórias de vida no desenvolvimento e construção da identidade docente por meio da relação indissociável de coexistência do Eu com o Outro, na qual ambos, simultaneamente, se formam e informam quem são.

## **METODOLOGIA**

A perspectiva metodológica adotada foi de uma abordagem qualitativa e descritiva. Os dados foram coletados a partir das narrativas produzidas por licenciandos, na disciplina Prática como Componente Curricular 1 – parte 1, no curso de Licenciatura em Ciências Biológicas na Universidade Federal de Alagoas, as quais foram compartilhadas em sala durante o primeiro semestre do curso. As narrativas foram produzidas logo no início das aulas e tinham como objetivo apresentar de forma sequencial a história de vida acadêmica dos

discentes até a entrada no curso. Contudo, depois de algumas aulas voltadas apenas para o compartilhamento das narrativas por cada discente seguido de uma análise da professora Lilian Carmen e da turma, houve o consenso de que, apesar das particularidades, as narrativas apresentavam muitos fatores em comum, sendo o principal deles a inspiração por algum professor ou figura de ensino durante a vida e na educação básica. Apesar de ter sido unânime o apreço e identificação - em alguns relatos quase inata - com a Ciência e a Biologia, de alguma forma a interação com os profissionais da educação ao decorrer da vida acadêmica dos discentes incentivou-os a optarem pela área do magistério. Tendo em vista tais semelhanças nas narrativas, foi proposta uma segunda atividade na qual os discentes se reuniram em trios e - a partir da escuta, leitura e interpretação do relato do outro - construíram uma única narrativa que contemplou os três relatos. Com a apresentação da nova atividade em sala, novamente pode-se perceber de forma mais visível os fatores em comum que costuravam e davam sentidos às narrativas, mas as diferenças entre cada uma das histórias tiveram que ser levadas em conta no momento de escrita, e independentemente da escolha autoral de integrar ou adaptar ou não esses pontos divergentes ao texto final, o entendimento geral foi o de que eles puderam entender melhor um ao outro a partir das diferenças entre eles e não somente das semelhanças.

No segundo semestre, os mesmos relatos das narrativas foram usados como base para a realização de novos trabalhos na disciplina de Prática como Componente Curricular 1 – parte 2, visando responder à questão norteadora “qual a importância das narrativas dos professores para pensar a sua própria formação?”, se atentando também a tópicos importantes a serem abordados nas apresentações, como a contribuição da reflexão dos sujeitos envolvidos, a valorização das histórias de vida, a desconstrução e construção das próprias experiências e o exercício de pensar a sua formação a partir do relato do outro. Além das narrativas apresentadas no semestre anterior, foram utilizados textos de fundamentação que foram lidos e apresentados em forma de seminários em grupo que abordaram temas referentes à profissão docente, como os ciclos de vida, as habilidades e competências a serem desenvolvidas, a formação continuada do professor e os saberes e fazeres docentes. Também foi sugerida a pesquisa de materiais externos aos textos que serviram de fundamentação para as apresentações. Nisso, o presente trabalho busca explorar os processos de lembrar e de existir, sendo eles os que precedem, possibilitam e condicionam a produção e narrativa de uma história de vida. Para além da análise dos textos, foi feita uma abordagem de uma

perspectiva poética por meio do poema “Memória”, de autoria do escritor brasileiro Carlos Drummond de Andrade.

Memória

Amar o perdido  
deixa confundido  
este coração.

Nada pode o olvido  
contra o sem sentido  
apelo do não.

As coisas tangíveis  
tornam-se insensíveis  
à palma da mão.

Mas as coisas findas  
muito mais que lindas  
essas ficarão. (ANDRADE, 2002, p. 252-253)

A origem etimológica da palavra “memória” é derivada do latim “*memor*”, e significa “aquele que se lembra”. O radical “men-”, também presente no termo, tem raiz indo-europeia e significa “pensar”, e também é dele que se origina a palavra “mente”. Dessa forma, atribui-se o conceito de memória à capacidade mental de codificar, armazenar e recuperar informações, nos permitindo guardar nossas experiências, como sentimentos, pensamentos, acontecimentos, imagens e ideias.

O conceito de tempo tem relação direta com o conceito de memória, algo que é muito bem evidenciado no poema de Carlos Drummond de Andrade de mesmo nome. Nele, o poeta designa uma relação de permanência do tempo passado no presente, ao mesmo tempo que enxerga uma beleza nessa permanência, caracterizada pela efemeridade das coisas findas em contraste com as tangíveis. (SILVA, 2018) Porém, apesar dessa relação, a memória não é uma representação objetiva do tempo, nesse caso, o passado. Se a realidade é percebida de maneira subjetiva por cada indivíduo, então há implicitamente na memória uma licença poética que o permite registrar suas percepções de maneira única, atribuindo às suas experiências sentidos e

significados próprios e autorais. Como a própria etimologia vem a sugerir, “aquele que se lembra” - significado de memória - dá a impressão de se referir muito mais a um sujeito do que a um processo. Essa constituição do sujeito pela memória, sendo, também, ele próprio a memória, culmina no entendimento e na construção contínua de uma identidade do sujeito por meio da narrativa de sua história de vida. Tal qual Drummond, o indivíduo assume o papel de poeta de si e para si quando, por meio da memória, constrói o que ele entende como sendo sua existência a partir do que experienciou. Por outro lado, dado o conceito de memória pela poesia de Drummond como instrumento do ato de lembrar, alguém só é capaz de lembrar de algo que viveu ao decorrer de sua existência. Nesse sentido, a filosofia traz diferentes perspectivas acerca desse aspecto e corrobora para uma análise mais elaborada sobre o entendimento e conciliação dos processos de lembrar e de existir e a influência destes na construção da identidade do e pelo sujeito.

## REFERENCIAL TEÓRICO

O surgimento da filosofia grega no século VI a.C. foi marcado inicialmente pela necessidade de explicar a relação do homem com o mundo a partir da racionalidade. Seu primeiro objeto de estudo foi a “*physis*”, ou seja, a natureza, e esse olhar voltado para a natureza tinha por objetivo encontrar a “*arkhé*”, que seria a essência formadora de todas as coisas do universo. Muitos dos pensadores pré-socráticos que caracterizaram esse período da filosofia chegaram a diferentes resultados, como por exemplo Tales de Mileto, associado como o primeiro filósofo, que afirmava que “tudo é água”. Outros exemplos de essências universais encontradas por esses filósofos são os números, por Pitágoras, o átomo, por Demócrito, e os antagônicos conceitos de mudança e permanência, por Heráclito e Parmênides, respectivamente. A partir de Sócrates, e posteriormente também Platão e Aristóteles, inaugura-se o período antropológico dentro do pensamento filosófico ocidental e o homem passa a ser o principal objeto de pensamento. O pensamento filosófico continuou florescendo com o passar dos séculos, porém, de um certo ponto de vista, ainda muito calcado numa lógica de busca por uma essência universal, fosse essa uma busca direcionada para o homem, para a física ou para a metafísica.

Contudo, a corrente filosófica do existencialismo surge no final do século XIX e advoga que o ser humano é livre por natureza e que antes de qualquer tipo de essência as pessoas primeiramente existem, e a partir de suas escolhas constroem ao decorrer da vida sua

própria essência. O filósofo dinamarquês Soren Kierkegaard afirmava que a essência do homem é existir, contrapondo a ideia de que o homem seria determinado pelos fatores históricos, culturais, políticos e biológicos, defendendo a visão do homem como um ser único e com a capacidade de decidir quem é. (LISBOA, 2016) Nesse sentido, essa filosofia defende que não há como assumir qualquer tipo de verdade absoluta sobre o homem, pois, sendo sua essência precedida por sua existência, torna-se incapaz a obtenção de qualquer teoria sobre uma história ainda não escrita, sendo o sujeito o responsável por redigir os capítulos de sua narrativa existencial. (LISBOA, 2016) É desse contexto que vem a célebre frase dita pelo filósofo Jean-Paul Sartre que caracteriza esse movimento, a de que “a existência precede a essência”.

Mas o que a filosofia existencialista tem a ver com a importância das histórias de vida para a formação docente? Na seção de entrevistas do texto “António Nóvoa: uma vida para a educação”, o educador português António Nóvoa responde a uma pergunta sobre a importância das histórias de vida citando Simone de Beauvoir, importante filósofa existencialista, e fazendo uma analogia com o seu pensamento ao dizer que “não nascemos professores, tornamo-nos professores” a fim de pensar a trajetória de formação de professores e a importância das histórias de vida nesse processo.

Você é um grande especialista na história da educação e na educação comparada. Mas desenvolveu também estudos sobre o tema das histórias de vida de professores. Você diria que esse é um assunto sobre o qual os cursos de pedagogia e de formação de professores deveriam se debruçar? Será preciso estudar a constituição biográfica das identidades docentes?

Todos nos recordamos da obra marcante de Simone de Beauvoir, O Segundo Sexo, e da sua frase mais célebre: “Não nascemos mulheres, tornamo-nos mulheres”. Em um contexto muito diferente, podemos trazer esta frase para o debate docente: “Não nascemos professores, tornamo-nos professores”. Deste modo, criticamos, desde logo, as teses do jeito ou da vocação para ser professor. Ninguém nasce professor, já feito. Mas, ao mesmo tempo, acentuamos que é preciso um trabalho pessoal para construir a identidade docente. Tornamo-nos professores através de uma reflexão que é também de cariz biográfico. No ensino ou na medicina não é possível separar a personalidade e a profissionalidade, o que somos como pessoas e a forma como agimos profissionalmente. A entrada no ensino superior devia ser sempre precedida de uma análise caso a caso, de entrevistas pessoais, de uma reflexão a respeito dos estudos

que queremos seguir. Algumas universidades mantêm essa tradição que foi sendo abandonada com a massificação do ensino superior. Mas, em particular no caso das licenciaturas, como aliás no caso da medicina e de outros cursos nos quais a dimensão humana é central, deveria haver uma análise das histórias de vida, das motivações, do perfil e da predisposição dos candidatos para a profissão docente. A constituição biográfica das identidades docentes tem de ser uma preocupação central da formação de professores. (BOTO, 2018, p. 15-16)

Outro importante educador que corrobora com a síntese do pensamento existencialista aplicado à docência é o patrono da educação brasileira Paulo Freire. Na sua obra de 1996 “Pedagogia da Autonomia”, no tópico de primeiras palavras que antecede o primeiro capítulo o autor produz uma síntese do seu pensamento para os leitores, e dentre as reflexões citadas presentes em sua obra está a de que “somos seres condicionados mas não determinados”(FREIRE, 1996), implicando o reconhecimento do sujeito como autor ativo de sua própria história e, por consequência, transformador de sua realidade.

Na verdade, seria incompreensível se a consciência de minha presença no mundo não significasse já a impossibilidade de minha ausência na construção da própria presença. Como presença consciente no mundo, não posso escapar à responsabilidade ética no meu mover-me no mundo. Se sou puro produto da determinação genética ou cultural ou de classe, sou irresponsável pelo que faço no mover-me no mundo e se careço de responsabilidade não posso falar em ética. Isto não significa negar os condicionamentos genéticos, culturais, sociais a que estamos submetidos. Significa reconhecer que somos seres condicionados mas não determinados. Reconhecer que a História é tempo de possibilidade e não de determinismo, que o futuro, permita-se-me reiterar, é problemático e não inexorável. (FREIRE, 1996, p.11)

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

“A partir da perspectiva de professores em formação nos dois primeiros períodos do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, eu e minha turma tivemos a oportunidade de num primeiro momento construir e expor nossas trajetórias de vida por meio de narrativas, e depois num segundo momento tivemos que compartilhar essas mesmas narrativas em conjunto divididas em trios, onde as três pessoas deveriam traçar uma mesma história para elas a partir dos pontos em comum que elas compartilhavam. Sinto que os dois momentos

foram muito enriquecedores para mim, pois além de conhecer melhor cada um dos meus colegas de classe a partir da forma como eles escreviam, das suas vivências, seus dilemas, suas dores, alegrias e sonhos, pude enxergar melhor a mim mesmo nesse processo. Lembro de sentir que todo mundo ali apesar de muito diferente também era muito semelhante a mim, acabei me sentindo ainda mais pertencente ao espaço e ao curso, e é algo que fez toda a diferença a partir daquele ponto. É claro que nenhum dos relatos chegou a ser tão emocionante e inspirador quanto o da nossa professora, Lilian Carmen, quando no semestre seguinte ao retomar essa atividade em sala contou a sua história ao ser perguntada - durante uma apresentação de seminários da turma sobre o processo de se tornar professor - como ela mesma havia se tornado professora.”

Tanto a poesia de Carlos Drummond como a filosofia existencialista evidenciam os processos de lembrar e de existir que constituem o “Eu” do sujeito. Porém, o “Eu” só pode ser formado a partir da figura do “Outro”, logo, ambos ao passo que simultaneamente informam quem são também formam um ao outro numa relação indissociável. O relato no parágrafo anterior sobre as atividades compartilhadas das narrativas de histórias de vida nas disciplinas de Prática como Componente Curricular 1 – parte 1 e parte 2 ilustra esse pensamento, pois os alunos se constituem enquanto alunos a partir da presença da professora em sala, se constituem como licenciandos a partir da diferenciação com os bacharelados, e como estudantes das Ciências Biológicas a partir da presença dos cursos das demais áreas do conhecimento. Ainda na relação aluno-aluno, cada um sendo um ser único e particular vê no outro uma oportunidade de aprender mais sobre si mesmo e, a partir dessa relação de troca, se reconstruir a partir de sua desconstrução. No âmbito da docência, essa relação se evidencia através da opção dos licenciandos pela licenciatura motivada pela inspiração e admiração por algum professor que os marcou, assumindo, assim, essas experiências como fundantes não apenas de sua identidade profissional, mas também pessoal.

A imagem que o professor constrói de si mesmo e perante a sociedade faz parte do processo constitutivo de sua identidade profissional. Esse processo está em constante transformação, reconstruindo-se ao longo da vida, de acordo com suas experiências sociais e individuais. A maneira como o docente constrói a sua imagem profissional participa na definição de suas ações com os alunos, de suas relações no cotidiano do trabalho e do desenvolvimento de suas atividades pedagógicas. (BURNIER et al., 2007, p.347)

Dando um salto temporal para a filosofia contemporânea, o pensador alemão Peter Sloterdijk atualiza em sua linha de pensamento duas vertentes da filosofia: a fenomenologia, o estudo dos fenômenos, e a ontologia, o estudo do ser. Ele concorda com máxima do movimento existencialista de que a “existência precede a essência”, porém defende que, na verdade, “a coexistência precede a existência”. A novidade de seu pensamento nesse sentido consiste na criação de uma ontologia relacional. Sendo assim, não existem seres isolados. Ser é sempre sem-com. Ser é sempre relação. Ser um é sempre ser-dois. (PETRÔNIO, 2016)

Ao tentar pensar analogicamente a trajetória de formação docente dentro desses três aspectos abordados em diferentes contextos pela filosofia - a essência, a existência e a coexistência - pode-se chegar à ideia social e culturalmente imposta do que seria a essência do professor, ou melhor, as várias essências, pois muitas delas se contradizem. Por vezes a figura do professor é tida como a de um herói a ser louvado pelo seu trabalho, mas que rapidamente pode assumir uma ideia de doutrinador ou de uma figura a ser combatida. Por vezes é tido como um profissional medíocre cuja função poderia ser desempenhada por qualquer outro, ou por outro lado ser alvo de uma idealização quase perfeita, inalcançável e não passível a erros. Sua formação ao passo que pode ser alvo de escárnio e demérito também pode ser interpretada como sendo uma vocação ou dom com o qual se nasce, sendo ela inata, determinada e imutável. O processo de superação de tais essências pré determinadas se assemelha à máxima do movimento existencialista e coloca os professores numa posição de profissionais em formação constante e contínua. Já a coexistência pode ser entendida como a relação indissociável do Eu com o Outro, no sentido de que o Outro, ao mesmo tempo, informa e forma o Eu. Logo, um não pode existir sem o outro e ambos se intercomunicam e se interconstituem. Uma relação parecida existe na máxima do educador Paulo Freire (1996) em “Pedagogia da Autonomia”, ao dizer que “não existe docência sem discência” e que “quem ensina aprende ao ensinar assim como quem aprende ensina ao aprender”, um exemplo de como as figuras do Eu e do Outro formam um ao outro dentro do processo de ensino nas figuras do docente e discente.

Se, na experiência de minha formação, que deve ser permanente, começo por aceitar que o formador é o sujeito em relação a quem me considero o objeto, que ele é o sujeito que me forma e eu, o objeto por ele formado, me considero como um paciente que recebe os conhecimentos-conteúdos-acumulados pelo sujeito que sabe e que são a mim transferidos. Nesta forma de compreender e de viver o processo formador, eu, objeto agora, terei a possibilidade, amanhã, de me tornar o falso sujeito da

“formação” do futuro objeto de meu ato formador. É preciso que, pelo contrário, desde os começos do processo, vá ficando cada vez mais claro que, embora diferentes entre si, quem forma se forma e re-forma ao for-mar e quem é formado forma -se e forma ao ser formado. É neste sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos nem forrar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina ensina alguma coisa a alguém. (FREIRE, 1996, p.12)

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Portanto, elucidando as considerações finais desse trabalho, a partir de uma abordagem metodológica qualitativa e descritiva das narrativas compartilhadas de licenciandos em formação inicial nas disciplinas de Prática como Componente Curricular 1 – parte 1 e parte 2 no curso de Licenciatura em Ciências Biológicas - UFAL, os resultados apontam para a fundamental importância das histórias de vida no desenvolvimento e construção da identidade docente por meio da relação indissociável de coexistência do Eu com o Outro, na qual ambos, simultaneamente, se formam e informam quem são. Investigando os processos de lembrar e de existir sob uma perspectiva poética e filosófica, chegou-se à conclusão de que eles condicionam a formação docente, como apontam os estudos de Freire e Nóvoa. Desse modo, as narrativas sobre histórias de vida se configuram como fundamentais para a construção que o professor faz de si mesmo, sendo essa construção também compartilhada com seus pares durante sua trajetória de vida e formação profissional.

## **AGRADECIMENTOS**

Meus agradecimentos vão primeiramente à minha professora Lilian Carmen pelo incentivo e apoio na elaboração deste trabalho e pela profissional incrível e inspiradora que ela é. Também agradeço a cada um dos meus amigos de turma por compartilharem suas histórias de vida e me inspirarem através de suas narrativas, especialmente àqueles mais próximos a mim nesses dois primeiros períodos do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas: Arthur Guilherme, Elielson de Oliveira, Elizeu Jorge e José Daniel. Esse artigo é

uma tentativa metódica da minha memória de colocar em palavras a importância que vocês têm na minha formação, espero que além disso ela me ajude a lembrar de todos os momentos que me inspiraram a escrevê-las enquanto eu viver. Por fim, dedico o presente trabalho a todos os citados. É muito bom coexistir com todos vocês.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 2002.

BOTO, Carlota. *António Nóvoa: uma vida para a educação*. São Paulo: Educ. Pesqui., 2018.

BURNIER, Suzana et al. *Histórias de vida de professores: o caso da educação profissional*.

SciELO, 2007. Disponível em: <

<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/83Y9hHBBqHn6jkXsK7nzn3k/abstract/?lang=pt#> > . Acesso em: 02/09/2023.

FREIRE, Paulo . *Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

LISBOA, Camila Pereira. *Introdução ao Existencialismo: perspectivas literárias*. Periódicos UFPB, 2016. Disponível em: <

<https://periodicos.ufpb.br/index.php/problematata/article/view/28570> > . Acesso em: 02/09/2023.

PETRÔNIO, Rodrigo. *Peter Sloterdijk: a fronteira entre artes, ciências, filosofia e outros saberes*. Fronteiras, 2016. Disponível em <

<https://www.frenteiras.com/leia/exibir/peter-sloterdijk-a-fronteira-entre-artes-ciencias-filosofia-e-outros-saberes#:~:text=Como%20diz%20Sloterdijk%2C%20n%C3%A3o%20%C3%A9,finda%20um%20projeto%20estruturalmente%20interdisciplinar> > . Acesso em: 02/09/2023.

SILVA, Luciana Bessa. *O tempo e a memória da poesia de Carlos Drummond de Andrade*.

Repositório Institucional, 2018. Disponível em: < <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/39966> > . Acesso em: 02/09/2023.